



ID: 122152386

21-03-2026

Espaço público

O amor e a política

Coffee break



Bárbara Reis

Para meu espanto, Helena Carreiras usou a palavra “amor” quando, na quinta-feira, tomou posse como reitora do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, em frente de reitores, professores, alunos, embaixadores, deputados, autarcas e altos quadros da administração pública: “Faço-o por amor ao Iscte.”

Fiquei espantada por ouvir “amor” naquele contexto e a seguir fiquei espantada com o meu espanto.

Que raio de relação temos nós com uma palavra que é tão natural como ar ou água, todos substantivos comuns? No mínimo, é uma relação estranha.

A nova reitora é socióloga e especialista em assuntos militares: foi diretora da Escola de Sociologia e Políticas Públicas, presidente do European Research Group on Military and Society, diretora do Instituto da Defesa Nacional e ministra da Defesa. Será que o meu espanto tem que ver com o currículo? Por pensar que uma pessoa com este perfil fala à vontade de tanques e mísseis, mas não de amor? Ou porque quando vou assistir a uma tomada de posse a expectativa é a de que a política pertence ao domínio da razão, um campo frio e impessoal, em que a palavra “amor” não cabe? É porque o amor é íntimo e a academia é pública? É porque Carreiras trouxe uma palavra da linguagem “privada” para o espaço da linguagem “institucional”?

Será que não dizemos “amor” num grande auditório com medo do ridículo? Com medo de que a palavra possa ser recebida com desconfiança e sentida como truque retórico ou manipulação? Será que o meu espanto foi ver uma mulher usar a palavra “amor” sabendo que a sociedade misógina vai dizer “lá está uma mulher a ser mulher: emocional; logo, frágil; logo, pré-histórica”?

No que me fui meter.

Amor é um sentimento profundo e a profundidade do problema deste *Coffee break* está à vista.

Pedi ajuda aos meus livros e aos meus amigos e tentámos fazer uma História do Amor em contra-relógio. Choveram poemas e cartas e histórias e filmes e canções e discursos políticos. Impossível. Desistimos.

Faço assim um esboço colectivo do que poderia vir a ser uma primeira linha cronológica de uma futura História do Amor, que alguém já fez, com certeza, mas eu desconheço.

Temos de começar com os sumérios, que viviam no que é hoje o Iraque. É deles a *Canção de Amor para Shu-Sin*, escrita por volta de 2000 a.C. Quando foi descoberta,

no século XIX, a tábua foi levada para o Museu de Istambul, na Turquia, e aí ficou, fechada, até 1951, quando Samuel Noah Kramer a encontrou. Em *A História Começa na Suméria* (Publicações Europa-América, 1997), Kramer conta que “a pequena tábua com o número 2461 estava numa gaveta” e que, quando a leu “pela primeira vez”, percebeu que “tinha nas mãos uma das canções de amor mais antigas escritas pela mão do homem”.

Daqui, podíamos saltar para Platão e *O Banquete*, de 380 a.C., descrito como “uma festa intelectual, báquica e erótica”, com o “pano de fundo da homossexualidade masculina”, onde se fazem “jogos do desejo e do pensamento”, e se tira “a lição que nos ensina como o amor da beleza física é orientado pela ideia do Bem”, diz Roger-Pol Droit. Abro o livro ao acaso e leio que “é essencial que os homens que se dispõem a viver uma vida plenamente bela se capacitem deste facto: nem a nobreza de parentesco, nem os cargos de prestígio, nem a riqueza, nem qualquer outra coisa são capazes de inspirar feitos tão belos como o amor” (tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Edições 70, 2008).

O grego antigo tem várias palavras para “amor”: *ágape* (que vai do “caríssimo” ao amor divino), *eros* (amor romântico e sexual), *philia* (amizade ou amor sem paixão), *philos* (lealdade e confiança). Podíamos seguir para Safo, a poetisa da ilha de Lesbos que seria lesbica; avançar para Ovídio (*Amores & Arte de amar*) e ler os versos “Por que vejo eu teus cabelos revoltos, mais que pelo sono, / e, no teu pescoço, marcas de dentes?”; seguir para S. Valentim, mártir cristão do século III, decapitado em Roma e padroeiro dos amantes, dos epilépticos e dos apicultores.

A lista é densa e exige velocidade. Nas *Confissões*, Santo Agostinho (354-430 d.C.) diz que “o meu amor é o meu peso;

para onde quer que vá, é ele que me leva” (Livro XIII), onde o peso não é fardo, mas bússola. Gil Vicente (c. 1465-c. 1536) e *O amor o quis assim*, “sem ti não tenho cura”, “quando falo, estou calado; / quando estou, entonco ando; / quando ando, estou quedado; / quando durmo, estou acordado; / quando acordo, estou sonhando”. Luís de Camões (?-1580) e o seu “O amor é fogo que arde sem se ver / É ferida que dói e não se sente”. William Shakespeare (1564-1616) e o seu *Romeu e Julieta*. Mariana Alcoforado (1640-1723), as suas *Cartas Portuguesas* e o desesperado “quando é que me livrarei desta cruel perturbação?”. Goethe (1749-1832) e o seu *Werther*, apaixonado por Charlotte, uma mulher casada. Christoph Gluck, cuja ópera *Orfeu e Eurídice* se estreou em Viena em 1762 e na qual se canta “para onde irei sem o meu amor?”. Frédéric Chopin (1810-1849), que pediu em testamento que lhe abrissem o tronco para enterrar o corpo em Paris e o coração na Polónia (onde continua num frasco com conhaque). Machado de Assis (1839-1908) e

o momento em que Bentinho, em *Dom Casmurro*, que amou sem saber, descobre, já velho, “com que então eu amava Capitu”. Eça de Queirós (1845-1900), n’*A Relíquia* (1887): “Chamava-se D. Jesuína, tinha trinta e dois anos e era zarolha. Mas, desde esse domingo de rio e de campo, a riqueza dos seus cabelos ruivos como os de Eva, o seu peito sólido e suculento, a sua pele cor de maçã madura, o riso são dos seus dentes claros – tornavam-me pensativo...” Ou *A Cidade e as Serras* (Eça, sempre Eça): “Amei aquela criatura com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor Divino, o Amor Humano, o Amor Bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julieta, como um bode ama uma cabra.” Para não falar do amor do padre Amaro.

E vamos para Marcel Proust (1871-1922) e “a felicidade é no amor um estado anormal”. E D.H. Lawrence (1885-1930) e *O Amante de Lady Chatterley*. Ainda vamos no século XIX e falta tudo.

Falta W.H. Auden (1907-1973) e o seu *Diz-me a verdade acerca do amor* (quando chegar, “será que mudará completamente a minha vida?”). Falta Marguerite Duras (1914-1996) e *O Amante*. Falta Ronald Barthes (1915-1980) e o *Fragmentos de Um Discurso Amoroso*. Falta Chico Buarque, que canta que “de todas as maneiras que há de amar, nós já nos amámos” e, em *Eu Te Amo*, diz que “meu sangue errou de veia e se perdeu”. Falta Yvette K. Centeno e o seu *Ele*, acabado de publicar em *As Sombras do Planeta*: “Não sei / o que ele tem / se é o dom / do silêncio / ou o dom / da palavra / de que modo / nos ama / de que modo / nos salva”. Ou “Dois esqueletos / abraçam-se na cama / Tlin / soou a hora exacta”, de 1967. Falta Ingeborg Bachmann (1926-1973) e o seu “não te perdi a ti, / perdi o mundo”. Falta Leonard Cohen. Falta Adília Lopes a visitar Mariana Alcoforado (“Estou outra vez a escrever-lhe / para lhe dizer / outra vez / que não lhe escrevo mais”). Falta Herberto Helder a visitar Camões. Falta *Asas do Desejo*, de Wim Wenders, onde o anjo escolhe prescindir da imortalidade por amor.

E falta Serhii Zhadan, o mais popular poeta da Ucrânia, que em 2019 gravou a canção *Natakha*, ouvida oito milhões de vezes no YouTube. Um verso diz: “Amo este país, mesmo sem cocaína.” Em ucraniano, rima: *kraïnu* (país) e *kokaïnu* (cocaína). Também foi Zhadan quem escreveu o poema *How were we building our houses?*, sobre a Ucrânia, outro *hit*, outro verso mil vezes repetido: “A língua desaparece quando não a usamos para falar de amor.”

Há o amor apaixonado, o amor não correspondido, o amor homossexual, o amor pelos filhos, o amor pelos amigos, o amor narcísico, o amor falso, o amor ilegítimo, o desgosto de amor, o amor pelo país. E há o amor pelo Iscte.

P.S. – Declaração de interesses: dou aulas no Iscte. Pelo amor à escrita.

Jornalista. Escreve ao sábado



Helena Carreiras usou a palavra ‘amor’ na tomada de posse como reitora do Iscte. Fiquei espantada por ouvir ‘amor’ naquele contexto e a seguir fiquei espantada com o meu espanto

RUI GAUDINHO

